

CLAUDIA ROSA RIOLFI
VALDIR HEITOR BARZOTTO
(ORGANIZADORES)

O INFERNO DA ESCRITA
PRODUÇÃO ESCRITA
E PSICANÁLISE

MERCADO[®]
 LETRAS

SUMÁRIO

- APRESENTAÇÃO
Claudia Rosa Riolfi e Valdir Heitor Barzotto
1. LIÇÕES DA CORAGEM: O INFERNO DA ESCRITA
Claudia Rosa Riolfi
2. LIÇÕES DAS FÚRIAS: DELITOS E
CASTIGOS INEVITÁVEIS
Valdir Heitor Barzotto
3. LIÇÕES DO TÓTEM: A RELAÇÃO
COM O LEGADO CULTURAL
Émerson de Pietri
4. LIÇÕES DA REPETIÇÃO: O TEXTO DESPEDAÇADO
Suelen Gregatti da Igreja e Sulemi Fabiano
5. LIÇÕES DA IRRITAÇÃO: O OUTRO
DIFÍCIL DE SER RESPEITADO
Maria Dolores Wirts Braga
6. LIÇÕES DO MODELO: A ESCRITA QUE
ENGESSA E A QUE MOBILIZA
Marisa Grigoletto

7. LIÇÕES DA DEMANDA: SIMULACROS DE CRIAÇÃO
Emari Andrade e Mariana A. de Oliveira Ribeiro

8. LIÇÕES DA FALTA: CULTURA ESCOLAR
E PRODUÇÃO ESCRITA
Carlos Gomes de Oliveira e Tathiane Graziela Cipullo

9. LIÇÕES DO POÇO: RECOLHER LINHAS DE ÁGUA
Sonia Almeida

10. LIÇÕES DO VERDADEIRO: FANTASIAS DE ESCRITA
Anna Maria Grammatico Carmagnani

11. LIÇÕES DOS DADOS: LIDOS
PARA ALÉM DO NARCISIMO
Ercilene Maria de Souza Vita, Kelly Gomes de Oliveira
e Mical Magalhães

12. LIÇÕES DO RATO: ROER O SABER CONSTITUÍDO
Enio Sugiyama Junior

APRESENTAÇÃO

Os lugares mais quentes do inferno são destinados aos que, em tempo de grandes crises, mantêm-se neutros. Dante Alighieri¹

O livro que chega às mãos do leitor neste momento é o resultado de alguns anos de trabalho de pesquisadores que pretendem assumir uma posição bem definida diante dos problemas de seu tempo relacionados à leitura e à escrita. Desde 2004 o Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise - GEPPEP, constituído por pesquisadores que se encontram em diferentes momentos de seus percursos acadêmicos, toma a escrita e a criação do sujeito contemporâneo como objeto de estudo.

Se por um lado aceitam que ler e escrever não são tarefas fáceis, por outro, ou justamente por isso, não se conformam às explicações disponíveis para os problemas de acesso ao conhecimento por meio do escrito e arriscam-se na busca de novas soluções. Assumindo as próprias

1. Todos os trechos que aparecem ao longo do livro são de Dante Alighieri (1265-1321). *A Divina Comédia*. Tradução e comentários de Cristiano Martins. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 2ª ed., 1979.

mazelas vivenciadas de dentro de seus exercícios de escrita, buscam com firmeza compreender e dar encaminhamentos àquilo que solapa a construção da escrita na contemporaneidade.

As experiências próprias de cada um dos participantes do GEPPEP somadas à pesquisa mostram que o intervalo entre o momento de escrever e a hora de concluir o que poderia ser o mais banal dos escritos é co-habitado por monstros fantasmáticos. Sua presença evoca todo um rosário de justificativas ou de imprecações e blasfêmias. Que inferno!

Curiosos, os pesquisadores interrogam-se: o que obriga a fazer do ato de escrever um verdadeiro deus-nos-acuda? Quais são os fantasmas próprios que cada sujeito que se dispõe a formar leitores e escritores tem de enfrentar?

Na trilha destas questões e inspirados livremente em Dante Alighieri, uma primeira indicação do grupo é o de que talvez fizéssemos melhor se pudéssemos transformar a tragédia costumeira da produção de conhecimento em uma divina comédia. Dessacralizando autores, postulados consensuais e o próprio rol de subterfúgios que cada um erige em motivo válido para não enfrentar suas amáveis desculpas, os autores deste livro foram estudar aquilo que não é corrente, o que não goza de hegemonia e obras literárias, porque permitem a subversão do estabelecido.

Mas há muito trabalho a ser feito. Por menos drama que se esteja disposto a fazer, é fato que o pesquisador em formação na área dos estudos sobre a linguagem e de seu ensino precisa, necessariamente, aprender a lidar com uma série de desafios ao longo de seu percurso. Então, ao invés de apreender um conjunto de conceitos já ditados em alguma instância de poder e pregá-los a terceiros, os pesquisadores tomaram para si a tarefa de identificar e descrever impasses desafiantes dos conflitos com a escrita e a procurar algumas saídas possíveis para as dificuldades encontradas por todos nós quando decidimos beber nas turbulentas águas do Arqueonte, onde nos tornamos pesquisadores. Ainda que reflitam sobre escritos que não

saíram de suas penas, assumem que, no contato com um dado, o que (mais!?) atrai pode ser justamente o que ele mostra de quem o vê.

Para empreender a aventura de encontrar saídas, seis elementos foram selecionados para fazer o papel de Caronte, ou seja, impulsionar o trabalho: 1) a aventura de dizer diferente a partir dos textos estudados; 2) os embates com o saber já sistematizado; 3) os conflitos na relação entre os que estão em formação e aqueles que se propõem a formar; 4) os percalços corriqueiros para encarar os dados; 5) a coragem necessária para sustentar a esquisitice de cada um, e, 6) a angústia inerente aos atos de ler e de escrever.

O livro que agora encontra seu leitor congrega, portanto, tentativas de respostas para perguntas elaboradas já como resultado de um trabalho que envolve estudos e buscas constantes em conjunto com os parceiros do Grupo de Pesquisa. Trata-se de um exercício de reflexão para lançar luzes sobre o inferno compartilhado por pesquisadores em diversos pontos de seu percurso e da formação de seus alunos.

As perguntas em torno das quais as pesquisas foram desenvolvidas tocam em temas como: a) apropriação/produção/circulação de conhecimentos; b) relação do pesquisador com o legado cultural; c) questões de epistemologia, tanto no que concerne à produção do conhecimento quanto ao acesso aos dados); e d) a noção escrita mobilizadora, vinculada, assim, à produção.

O eixo central do livro, em torno do qual se insinua sua novidade, é a combinação de concepções de escrita, da epistemologia e da ética que embasam o trabalho de pesquisa do GEPPEP.

Quanto às concepções de escrita pode-se dizer que elas estão vinculadas à sua compreensão como registro de marcas do sujeito pelo depósito no papel de conhecimentos ou de dados produzidos ou em produção; como trabalho *com*, *da* e *sobre* a escrita. Do ponto de vista

epistemológico concebe-se a escrita como possibilidade de acesso ou de construção de dados e de teorias.

A relação com o Outro, a intervenção da alteridade na produção do conhecimento, é o elemento que perpassa todas as discussões presentes no livro, o que se define, afinal, como questões de ética. Portanto, talvez seja possível pensar em dois elementos que orientam a produção dos trabalhos que compõem o livro: ética e epistemologia.

*Mas não sou eu sozinho aqui pensando;
sob um castigo igual todos estão,
por igual culpa. E olhou-me silenciando.*
(v. 55-57, p. 152)

*Claudia Rosa Riolfi
Valdir Heitor Barzotto*